

# “APROVEITEM OS ANOS DENTRO DA UNIVERSIDADE”

Por Vanessa Dias

Cursar a faculdade de jornalismo sempre foi um sonho. Após três anos de cursinho, para ingressar no curso em uma universidade pública, sem sucesso, deixei esse desejo um pouco adormecido.

Resolvi então, por gostar bastante de política, fazer Ciências Sociais na PUC. As aulas eram incríveis, os debates e os amigos idem. Mas não estava feliz. Após terminar o quarto semestre, resolvi tentar a transferência para jornalismo. Para minha surpresa e preocupação de meus pais, passei e em 2008 comecei o curso. Com as equivalências, iria fazer o curso em três anos.

Um dos meus objetivos era participar do **Contraponto**. Gosto bastante de escrever e queria participar das reuniões do jornal. Logo que comecei o curso, consegui um estágio e alguns freelas para fazer. O desgaste e o cansaço não demoraram a aparecer.

No início de 2009, passei a trabalhar em uma emissora de TV. Feriados, para mim, deixaram de existir. Os finais de semana se tornaram escassos, por causa dos plantões. Como moro muito longe da faculdade, em Taboão da Serra, e não tenho carro, passo muito tempo dentro do transporte público. Duas horas e meia de manhã para chegar ao estágio, mais uma hora e meia para chegar a faculdade e também para voltar para casa.

Por causa do trabalho, sempre deixava para escrever no **Contraponto** no mês seguinte. Sabe aquele papo de “depois eu faço”? Percebi agora que estou no último semestre e ainda não escrevi nada para o nosso jornal laboratório. Caramba, como a vida passa!

Vivemos em uma sociedade capitalista que enfrenta uma crise da experiência do tempo. As pessoas disponibilizam parte de suas vidas para produzir e ajudam a financiar um sistema que almeja o lucro. Para nós, estudantes, essas máximas são conhecidas já no estágio. A lei sancionada pelo presidente Lula estabelece que o estudante só pode trabalhar seis horas diárias. Entretanto, essa regra nem sempre é respeitada. No meu caso, não é diferente.

Acho o estágio importante para a vida profissional de qualquer estudante. O problema está em que, desde o primeiro ano, muitos já querem exercer a profissão e assim, vivenciam menos a rotina acadêmica, que é tão rica. Mas os estudantes não estão nas empresas para errar e aprender. As responsabilidades são de profissionais e a cobrança idem.

No meu atual estágio, não consigo, em nenhum dia, fazer as seis horas de trabalho. Fico na TV oito, nove horas, todos os dias. O excesso de cansaço tiro ao prazer de participar das questões acadêmicas. Passei a chegar atrasada nas aulas, a perder a hora para ir ao trabalho.

Quando pediram para eu escrever sobre essa experiência tão particular, hesitei em aceitar. Afinal, o que interessa contar sobre a minha vida? Há tantos assuntos mais pertinentes que eu poderia discorrer.



Persistência da memória. Salvador Dalí. 1931

Entretanto, para os novatos no curso, peço licença para deixar um conselho; aproveitem os anos dentro da universidade, às conversas de corredor com os amigos, as grandes leituras, para quando o curso terminar, não restar uma sensação de que poderia ter sido diferente, de que poderia ter vivenciado mais esses anos.



Reprodução

Claro, o estágio é atraente, uma oportunidade de entrar no mercado. Além disso, há a pressão dos pais, da sociedade, para começar a trabalhar e não ficar só na faculdade. Não estou nem falando de quem pode se dar ao luxo de apenas estudar. Mas se há a possibilidade de deixar para fazer um estágio a partir do terceiro ano, por exemplo, porque fazer antes?

## ESTÁGIO NO INFERNO

Desabafo de uma estudante (\*)

Comecei a estudar jornalismo em 2009, mas já tinha feito um ano de outra faculdade, cursinho duas vezes, além de ter morado um ano no exterior. Portanto não posso dizer que entrei cedo no curso. Enquanto a maior parte da minha turma trazia o ‘frescor’ dos recém formados do Ensino Médio, eu já tinha acumulado certa experiência em 5 anos de formada e sim, começar do zero novamente me incomodava.

Assim, quando fui chamada para estagiar em uma grande empresa de São Paulo sem ser indicada e antes do terceiro ano – que é política da empresa – não acreditei. Já fazia um bom tempo que sonhava em trabalhar em uma redação. Apesar de ser contratada para escrever em uma revista que em nada se parecia comigo, achei que o desafio seria incrível. *Follows, maillings* e todo o trabalho de assessoria de imprensa ficaria para trás. Não via a hora de começar, agora eu iria escrever.

O problema foi que este sonho durou apenas 3 meses. Depois de constantes humilhações em um ambiente hostil, cheio de picuinhas e de pessoas que fazem de tudo para crescer, não agüentei mais e abandonei o que esperei tanto tempo para conseguir.

Ser humilhada diariamente por trivialidades, viver com medo de fazer perguntas, além de ser ignorada a maior parte do tempo pelos meus chefes me fez achar que eu era incapaz. Que não servia para nada daquilo e que talvez, mais uma vez, tivesse tomado a decisão errada em relação ao que tinha escolhido como carreira.

Antes de finalmente pedir demissão, tentei falar com minha editora-chefe, que me disse uma das coisas mais absurdas que já ouvi: o diretor me tratava mal, pois não tinha ido com a mi-



Reprodução

nha cara. O mais chocante foi que ele não gostou de mim sem se quer ter lido uma das minhas seções, sem ter ao menos olhado para meu trabalho. Ouvir isso dela foi a gota d’água.

Só aceitei contar e bem resumidamente o que passei durante aqueles três meses – poderia escrever um **Contraponto** inteiro sobre isso – porque tem uma coisa nessa história que me incomoda mais do que tudo: ouvir das pessoas que as coisas são assim, que nas redações você sempre vai se deparar com algum diretor insano parecido com a Miranda Prisley – do filme *O diabo veste Prada* – (mesmo quem não viu o filme já deve ter ouvido falar dela) e que temos que nos acostumar. Aquele discurso do “se você escolher trabalhar com isso, saiba que...”.

A síndrome do pequeno poder não pode ser aceita de cabeça baixa. Ter chefes grosseiros ou chatos pode ser aceitável, mas conviver com a humilhação não pode ser aceito de maneira nenhuma. E isso serve para tudo, relacionamentos amorosos, familiares, em sua carreira...

Não me arrependo em nada de não ter tentado mais, tive apoio da minha família e dos meus amigos para deixar aquele pesadelo absurdo de lado. No começo achei que estava mesmo sendo fraca, mas depois de conversar com varias pessoas entendi que eu era estagiária e queria aprender e, se isso não estava acontecendo, não valia mais a pena tentar.

Todos temos um limite e eu já tinha ultrapassado o meu a tempos.”

(\*) Por razões de ordem pessoal, a autora preferiu omitir o seu nome